

Hombres de pollera: narrativas poéticas de una moda-militancia

Men wearing skirts: poetic narratives in style-militancy

homens de saia: narrativas poéticas de uma moda-militância

Robson Guedes da Silva¹

Karina Valença Alves²

Resumen

Esta investigación objetiva pensar, a partir de la comprensión de qué cuerpos son textos que dicen y visibilizan una manera de posicionarse en el mundo, problematizando una sociedad de la moral teológica en que estos se reducen al cumplimiento del patrón o son instados a asumir una perspectiva binaria de género. Por lo tanto, bajo la égida de la reflexión del goce en Paul B. Preciado, este trabajo tiende a buscar evidenciar el uso de la pollera por hombres como una moda-militancia, partiendo de la comprensión del género como rizoma en sus performatividades queer, su contra-sexualidad y su carácter prostético. A través de una poética vagabunda y mal acabada, que intenta dilucidar la importancia del debate acerca de las concepciones de género, tanto por medio de la efervescencia de los movimientos sociales como por los gritos aterrorizados de los que sufren por ser abyectos y estar al margen, reverberando la teoría militante en la academia en las últimas décadas. La investigación buscó, a partir de

Resumo

Esta pesquisa objetiva pensar, partindo da compreensão de que corpos são textos que dizibilizam e visibilizam uma maneira de se posicionar no mundo, problematizando uma sociedade da moral teológica em que esses são reduzidos ao cumprimento do padrão e instados a assumir uma perspectiva binária de gênero. Logo, sob a égide da reflexão do gozo em Preciado, este trabalho tende a buscar evidenciar o uso de saia por homens como uma moda-militância, partindo da compreensão de gênero como rizoma em suas performatividades queer, sua contrassexualidade e seu caráter prostético. Através de uma poética vagabunda e mal-acabada, tenta elucidar a importância do debate acerca das concepções de gênero, tanto por meio da efervescência dos movimentos sociais quanto pelos gritos aterrorizados dos que sofrem por serem abjetos e à margem, reverberando em teoria militante na academia nas últimas décadas. A pesquisa buscou, a partir

entrevistas narrativas, encontrar elementos discursivos que corroboren para evidenciar el dispositivo de la moda como instrumento para una tecnología contrasexual que engendra procesos de afectación y constituye los hombres de pollera como imágenes pedagógicas. No obstante, presenta como devenir algunas narrativas experimentadas que corroboraron, a partir de sus primeras aproximaciones, pensar el acto performativo de hombres de pollera como moda-militancia.

Palabra clave: Género; Hombres de pollera; Moda-militancia; Imagen pedagógica.

Summary

This research was born of the comprehension that bodies are like texts that “dizibilizam” (or show) and make visible a way of positioning oneself in the world, problematising a society founded in theological moral in which these bodies are reduced to a subservient, mandatory norm, obliged to take a binary gender perspective. Therefore, under the aegis of reflexions about pleasure in “P. B. Preciado”, this research intends to evidence the wearing of skirts by men as a style-militancy, based on the comprehension of gender as a rhizome in queer performativity, contra sexism and prosthetic feature. This work tries to elucidate by narrative interviews

de entrevistas narrativas, encontrar elementos discursivos que corroboren para evidenciar o dispositivo da moda como instrumento para uma tecnologia contrasexual que engendra processos de afetação e constitui os homens de saia como imagens pedagógicas. Não obstante, apresenta como devir algumas narrativas experienciadas que corroboraram a partir de suas primeiras aproximações pensar o ato performativo de homens de saia como moda-militância.

Palavras-chave: Gênero; Homens de saia; Moda-militância; Imagem Pedagógica

why it is important to talk about gender conceptions, searching discursive elements that corroborate to evidence the fashion device as an instrument of a sexual-against technology that engenders processes of affectation and constitutes “men in skirts” as pedagogical images. Furthermore, this work presents how to become some experienced narratives that corroborated to think the performative act of “men in skirts” as style-militancy from their own first approximations.

Keywords: Gender; Bodies; Pedagogical Image.

Fecha de Recepción: 01/04/2019 Primera Evaluación: 17/05/2019 Segunda Evaluación: 30/07/2019 Fecha de Aceptación: 16/08/2019

Preliminares

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito.

Clarice Lispector

Ciência e poesia são, igualmente, saber.

Gilles Deleuze

É flor. Brotada. Erguida. Querendo existir no meio de um vasto jardim. Pétalas e perfume, provocando com seu aroma, querendo olhos fixos para si. Seja pela sua forma estonteante ou sua cor formidável. A flor enfeitiça, assim como a imagem que está posta. E não, não há o intuito

de clamar nesta imagem a beleza da flor. Nela está o absurdo, que pode ser absurdamente belo. Poderemos nos deixar fitar os olhos neste homem contido na imagem, sem podermos em seu rosto fitar o olhar. Conseguiremos apenas degustar gota por gota do vinho doce da possível indagação: Por que ele usa saia?

Inebriados talvez de puro deleite, indagados dessa vez pela norma, chega aos nossos lábios o estranhamento que nos veste. Calça para homem. Saia para mulher. E o corpo? Território de quem? Negarão a quem pertence. Como um grande psiu da professora em uma turma barulhenta, ouviremos de forma eloquente dos pontos cardeais.

Figura 1

Créditos: Thiago Antunes (2017)



É o silêncio-discurso que rege e controla sem nada nos explicar. Silenciados pelos discursos que nos vestiram, voltaremos duvidosos ao homem de saia, esperando para que além da imagem que a nós ele reverbera, possa-nos, então, narrar sua forma de se posicionar no mundo e elucidar como sua saia nos provoca com furor.

O jovem, assim como na imagem, permanece sentado. Com voz fria como a água da chuva, nos propõe um abraço no anjo da história, daqueles abraços que nos arremetem memórias que de tão vívidas nos trazem gosto e cheiro. Nos trará nesse abraço a reminiscência das variadas formas de se vestir ao longo da história, fazendo-nos perceber como a moda enquanto dispositivo suscita em seus discursos uma vontade de verdade acerca do vestir. Mostrando-nos igualmente como as questões de gênero interferem de forma latente no modo como nos vestimos e nos comportamos. Revelando no fim do abraço, que é no lócus-corpo que esses agenciamentos se mostram de forma mais veemente.

Respirando fundo, como quem quer num campo florido sentir todos os aromas e as intensidades que dele provém, o homem da saia fitando com seu olhar o anjo da história, lhe confessa como num exame de expiação seus anseios. Apoiado na certeza da contingência, reverbera como um espelho à luz do sol. E como em uma caminhada no alvorecer, mistura abjacente entre o sono e o despertar. A dúvida continua no vinco da existência de si. Ele questiona o gênero que à saia imbuíram e os discursos que no seu corpo fixaram, como tatuagem de tinta escura, sem

variedade de cor. Traz a saia consigo, não como tecido que evoca a modéstia, tampouco por lutar por uma sociedade onde o queer deixe de ser abjeto. Usa-a, por ela ser, entre todos os discursos que a constituíram enquanto isso ou aquilo: uma roupa.

Esse homem, magro, com tatuagem de cores variadas e saia com flores, propicia-nos perceber como independente de sabermos seu nome, seu endereço, o título do livro de poesias que guarda com carinho no seu criado mudo, o nome de sua autora favorita, entre outras idiosincrasias; como o seu vestir saia, inquieta-nos, provoca-nos. Tira de alguns a respiração, paralisa a atenção do olhar. Invoca os ímpetus reguladores do corpo em tudo que ele pode ou não ter e vestir. Corrobora de forma latente no problematizar como o corpo - gritado pelos portadores da verdade moralista que regula- enquanto subalterno, pôde se tornar transgressor. Trazendo com a experiência de si, uma concepção em torno dos discursos sobre sujeito-corpo, corpo-texto, moda-corpo. Algo que nesse projeto denominamos de moda-militância.

É com as possibilidades de pensar esse efeito moda-militância que assumiremos como problema de pesquisa as seguintes indagações: como o ato performativo de usar saia pode engendrar discursos acerca do gênero enquanto rizoma e do corpo em homens, sejam eles militantes LGBT ou não? E como, a partir disso, tal ato pode ser, também, um ato formativo que dizibilize e visibilize uma maneira tal de

se posicionar no mundo? Não obstante, é preciso denotar os propósitos que trazemos para esse projeto, tendo como objetivo geral, pensar o ato performático do uso da saia por homens, juntamente com os discursos engendrados nesta prática, enquanto moda-militância. Percebendo, no vinco disto, as possibilidades formativas desse ato. E os específicos como o compreender, a partir de narrativas, como o uso de saia por homens pode ser significado como ato formativo e moda-militância; e, evidenciar os trânsitos de gênero na perspectiva do corpo enquanto texto que visibiliza e dizibiliza uma maneira de se posicionar no mundo.

Como possibilidade de metodologia nos utilizaremos de entrevistas narrativas com os jovens que vestem a saia no seu cotidiano, podendo através das narrativas perceber os efeitos que uso da saia engendra.

Os dildos, o corpo e uma imagem pedagógica

Grito aqui, silenciosamente, como em uma mesa redonda, sentado junto a Deleuze, Foucault, Preciado e tantos outros. Praticamos *fist-fuckin* tomando um cabernet sauvignon, ressuscitamos Nietzsche e arrotamos referências, gargalhadas, chegamos aqui...

O gênero rizoma

Neste momento, é no gênero que iremos nos embrenhar, ora, tê-lo não como essência - que carece de uma concepção primordialmente verídica, e, não obstante,

obsoleta - e sim como trânsito. Tendo no seu âmago a sua tecnologia rizomática¹. Sim, poderemos pensar o gênero como 'rizoma', pesadelo do pensamento linear, ininterruptos agenciamentos de linhas polimorfos que colocam em questão toda uma sociedade que detém sua concepção hegemônica a respeito de gênero que, muitas vezes, impossibilita corpos falantes se perceberem para além da norma.

A ligação sexo biológico/gênero que foi construída historicamente tanto pelo discurso da biologia, quanto pelo discurso religioso, possibilitou a heterossexualidade se tornar um dispositivo social que produz feminilidade e masculinidade operando “por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zona de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual.” (PRECIADO, 2014, p. 25).

Toda essa tecnologia de gênero e de sexo que conhecemos, não existe sem fazer parte de uma biopolítica mais ampla, que reúne tecnologias coloniais de produção de um corpo-europeu-heterossexual-branco (PRECIADO, 2014); o gênero rizoma foge dessa linearidade de produção, ele é em suma contrassexual². Há com isso uma intencionalidade de pelo/com o gênero rizoma denotar a pertinência de uma desmistificação da ligação tida como indissolúvel concebida entre orientação sexual, gênero e sexo biológico, corroborando para podermos

pensar nas possibilidades que o gênero possui em seus trânsitos, dialogando nas concepções que o envolvem e nas tecnologias que o constituem em suas performatividades, seus dildos e nas suas ontologias.

Performativos de gênero carregados historicamente de poder de investir um corpo como feminino ou masculino, nas suas expressões descritivas como “é uma menina” ou “é um menino”, se evidenciam enquanto compreensão hegemônica de gênero. Revelando que “a arquitetura do corpo é política” (PRECIADO, 2014, p. 31), e que essas investidas discursivas fazem parte de um biopoder que possui o intuito de tornar a heterossexualidade de uma tecnologia social, uma origem natural fundadora, no vinco entre sexo biológico e gênero. Desta ótica, contestando a concepção da heterossexualidade como origem advinda do gênero, podemos afirmar que o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticadas que fabrica corpos sexuais. (PRECIADO, 2104, p. 29)

Chegamos ao dildo, ao sexo de plástico. Assim, como o cinto de castidade, ambos foram criados e utilizados como

instrumentos clínicos no tratamento da histeria feminina no final do século XIX e começo do XX. Não obstante, é pertinente elencar a histerização do corpo da mulher como uma das quatro grandes tecnologias da sexualidade segundo Foucault (2014), sendo as outras: a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas procriadoras e a patologização do prazer. Com o surgimento desses instrumentos “a história da sexualidade se desloca do âmbito da história natural da reprodução para fazer parte da história (artificial) da produção.” (PRECIADO, 2014, p. 98). Tais instrumentos ganham juntamente com o passar dos anos - com o que Judith Butler vai chamar de *paródia queer* - uma nova resignificação, ora, o cinto de castidade que antes impedia o toque das mãos ao pênis ou vagina do/a viciado/a em masturbação, torna-se - evidenciando o gênero como rizoma- um dispositivo de suporte para o dildo, nas práticas sexuais. Bem como o dildo, que de um aparelho de controle da histeria, torna-se tanto suporte para o cinto, quanto elemento importante na prática do *fist-fucking* (penetração do ânus com o punho), como um grande exemplo da tecnologia contrassexual. O dildo (agora punho-dildo), apresenta o cu, como novo centro erógeno e um espaço tecnológico produtor de novas compreensões em torno de uma economia heterocentrada. Pelo cu, “o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda.” (PRECIADO, 2014, p. 32)

Sob essas premissas, despedido das

vestes que lhe impuseram, reverbera do rizoma gênero uma flor, que destemida, desafia com sua nudez as vontades de verdade que a voz hegemônica grita, se objetivando a enquadrar o gênero como num receptáculo. A flor que no homem de saia surge, se reapresenta de forma contrassexual. Ela é resistência e transgressão, ela é algo além do sexo biológico repousado sobre o corpo que imagem jaz. Ela reverbera poder, excelsa e astuta, é a personificação do gênero. Tal como silhueta de Afrodite nos campos das ilhas de Chipre, a flor reluz o apogeu das suas variadas significações. Não contendo em si, um só suspiro, ela é polimorfa. Brotada.

Corpo-texto: moda-militância

O jovem, deitado no apogeu de suas lembranças, acaricia sua essência como quem procura conforto despertando de um pesadelo em madrugadas de sono. Levantando, fita-se no espelho com a esperança de no *ver-se* perceber o texto que seu corpo constitui. Permanece inextato, nu, a sua saia, encostada no canto do quarto, parece olhar a cena com destemor, esperando da experiência do *ver-se*, contínuas sensações. Ele repara sua nudez, e, como no éden-paraíso, rememora Eva e Adão, que enganados pela serpente, sucumbem ao fruto, degustam-no e olhando para seus corpos, percebem-se nus. Todos eles, o jovem, Eva e Adão, envergonham-se, a nua corporeidade aparece impiedosamente após a ausência da veste da graça. Naquele momento diante do seu corpo posto diante de si, refletido no

espelho, a nudez para o jovem não é um estado, mas sim um acontecimento (AGAMBEN, 2014). Algo precioso e preciso, lócus de uma descontinuidade peculiar.

Reparando as curvas, marcas e estrias em seu corpo, na noite fria que se seguia. Evocou ao envergonhar-se, a moral teológica que discutiu em Eva e Adão a nudez-veste, natureza-graça. A vergonha surge nos habitantes do éden-paraíso como ausência da graça divina que antes do fruto proibido os vestiam e os faziam contemplar Deus em sua beleza, surge com a ausência da veste da graça, a carne, como devir visível da nudez do homem. No corpo coberto pelas vestes da graça, o rosto transfigurado em contemplação do divino é o único que permanece nu, evidenciando como fruto desta moral teológica, como hoje em “nossa cultura, a relação corpo/rosto é marcada por uma assimetria fundamental, que quer que o rosto permaneça sempre mais nu, enquanto o corpo está por norma coberto.” (AGAMBEN, 2014, p. 146).

Sentando no chão do seu quarto, quase nu-vestido, percebe como a nudez choca a ele e a sociedade, e como a moda surge então como herdeira da moral teológica. O jovem, desprovido da graça que veste, abraçando a nudez natureza, percebe que seu “corpo é um produto, um lócus privilegiado sobre o qual se investe um arsenal de tecnologias políticas cuja finalidade maior é obter, de um lado, a sua modelação e, de outro lado, produzir subjetividades.” (PAIXÃO, 2015, p.120)

Em vários tempos históricos, o corpo tem sido território de disputas políticas efetivadas com o intuito de moldá-lo/esculpido pelos discursos, não precisaremos então, discorrer sobre como uma história do corpo foi constituída pelo poder, mas sim, nos leques de seus dispositivos, discutir como se foi estabelecendo acerca do corpo uma vontade de verdade nos engendramentos dos discursos poder-corpo. Tanto na prisão quanto na escola, o corpo é foco das disciplinas, onde nele é imbuído castigo, vigilância, ou os uniformes que se ressaltam nesta perspectiva como vestuário que se relaciona como uma das práticas de disciplinarização dos indivíduos.

O corpo sob essas premissas, despido de qualquer roupa não é mais tido como natural, mas sim, 'normal' pela roupa que o veste, sendo então, moldado pelos discursos da sociedade disciplinar, reverberando assim elementos do dispositivo moda. Entenderemos então, partindo desse pressuposto, o dispositivo da moda - nutrindo-se de um conceito foucaultiano³- como um conjunto heterogêneo que envolve elementos diversos de práticas disciplinares e de controle sobre a população, tais como discursos sobre a importância de se vestir adequadamente segundo as normas de gênero atribuídas às vestes, obedecer regras de combinação, uniformização segundo os padrões das instituições, regulamentos religiosos acerca do vestir-se segundo a moral, manuais de estilo, etc.

A moda sob a ótica de dispositivo e o corpo como território de disputas, corrobora com a possibilidade de entender o jovem

diante do espelho, na sua tentativa esperançosa de ver no seu corpo e na sua saia, a imagem pedagógica que ele, magro, jovem, constitui. Ora, sendo o corpo "um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade [...] na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados" (PRECIADO, 2014, p.26) e o dispositivo da moda que suscita discursos com uma vontade de verdade, no vinco entre esses dois elementos, se evidencia o homem de saia como uma imagem pedagógica, como um espelho no qual sem perigo, poderemos, observar o nascer de um devir-corpo e do devir-moda: uma moda-militância.

Poderemos com isso, evidenciar a imagem pedagógica como uma tecnologia contrassexual que propicia no simples gesto de vestir uma saia, possibilidades de inquietação e questionamento, tanto do gênero - visto que à saia imbuíram um gênero e ao jovem outro - quanto das normas e identidades sexuais que neste simples gesto afloram a transgressão. Essa imagem pedagógica inquieta todos que o observam, propicia a experiência do questionar-se, do gesto de interrupção, pois, todas as vezes que o jovem caminha nas ruas, praças, universidades, o espelho é posto e o gênero posto em questão. O homem de saia como imagem pedagógica produz uma descontinuidade peculiar da norma. Cobra-se nele a hegemonia, surge a subalternidade, que fala, que grita, o corpo é flor. O Homem de saia exala o

gênero rizoma.

Sobre posições e métodos

Chegaremos enfim, sobre a fina camada que nos levará ao deleite do porvir, e, sobre as palavras que como mãos delicadamente sensuais vão tecendo o corpo que toco, que tocas e que pode nos tocar. Posições de habitar o mundo, sussurradas em narrativas, ressoada na voz com timbre efêmero. Possibilidades de escuta. Possibilidades de ver naqueles que nos falarão, incorporações do *anjo da história*, que de braços abertos poderá nos tocar com a experiência do passado sem esquecer da delicadeza de seu habitar o presente. Aflorações performativas embalando o ninar de uma cidade incendiada de rapidez e intolerância. Desafetados, gritam pela norma que veste, mudos, silenciam a rutilância. O movimento de deslocar-se tende a ser neste desassossegado trabalho, uma possibilidade pedagógica. É, sob a ótica do que até agora conseguimos ver sob uma fina camada, que esta pesquisa em andamento se propõe a estruturar-se sobre o corpus de entrevistas narrativas.

Neste *corpus* utilizaremos as entrevistas narrativas por compreender que “nutrindo-se da memória e entrecruzando passado e presente o (a) narrador(a) elabora suas experiências, selecionando os eventos mais significativos de modo de construir o seu enredo e cativar o ouvinte.” (SILVA e PÁDUA, 2010, p. 106). Através da página no Facebook ‘*homens de saia*’, por meio de um formulário online para informação de nome, e-mail e disponibilidade, convidamos os homens

que usam saia para participarem da pesquisa. O primeiro contato foi feito via e-mail sob o objetivo de agendar a entrevista presencial, almejando ainda de forma preliminar, entrevistar 4 (quatro) jovens que usavam saia no cotidiano. Na entrevista presencial com os homens que usavam saia, a partir de uma pergunta geradora: porque você usa saia? A narrativa se constitui e os sujeitos, em suas singularidades e sentimentos, nos contaram seus acontecimentos, enriquecendo a compreensão do vestir saia através de suas contribuições subjetivas. Dessa forma, a entrevista narrativa enquanto gênero discursivo possibilitou, valorizando a imaginação e multiplicidade, criar espaços de liberdade acerca de novas interpretações, o entrevistado sente-se à vontade na espontaneidade de um relato, pois, narrando suas histórias os sujeitos entrevistados se constroem e se reconstroem. (SILVA e PÁDUA, 2010)

Moda-militância: primeiras aproximações

Chega a busca. Aflora o querer. Caminhando sob os pés descalços, em uma noite desprovida de som, o mar silencioso se volta atento a escutar narrativas, como um sutil sussurro lançado nos ouvidos das ondas. A busca objetivava a encontrar os narradores: as vozes jovens eram audíveis e ecoavam dentro de nós. Vislumbrando os jovens sob a luz tênue de uma misteriosa lua cheia, nas suas

formas de habitar o mundo, elucidando o gênero como rizoma no simples ato de usar saia. Começara a tê-los sobre a vista, um a um, buscando uma possível aproximação. Dispusemo-nos, então, a indagá-los, assim como faz todos os dias a sociedade da moral que veste. E, inebriados e curiosos como alguém que espera luz do céu no amanhecer, buscamos ouvir deles a resposta para a seguinte indagação: por que você usa saia?

“Primeiramente, a questão estética sempre me agradou. E, também, porque penso que a roupa não deveria ser algo tão rígida naquilo que tange à questão de gênero” (Narciso).

Narciso em flor, nitidamente excelso em si mesmo. Na beleza e no conforto do usar saia sobre o vento, potencializando o movimento da saia nas astuciosas manobras

que o vento efetiva. Desassossega, sendo jovem, a morbidez das normas que ensinam regulá-lo. Estando sobre o desejo, enamora o olhar daquela garota, que sempre o reparando com saia, não lhe olha como algo à margem, mas sim com admiração de quem se enamora, e, mesmo com sua saia, preta, surrada, consegue encantar sob o fitar o olhar. O apaixonamento dele faz gritos ecoarem cobrando a padronização, tal como Adão e Eva vestindo as vestes da graça contemplando a beleza do divino que regula. Ele é um jovem de saia, que anda de skate e pela garota cotidianamente se enamora.

Vendo a cena de Narciso, com sua saia ao vento reverberando e questionando o padrão que produz norma, felizes ou instigados com sua forma de habitar

Figura 4

Créditos: Thiago Antunes (2017).



o mundo, poderemos continuar na noite fria, descalços, caminhando repletos de diligência em encontrar o outro jovem que, sentado na areia, repara nossa chegada e convidando-nos a sentar, nos oferece um trago no cigarro de maconha, passagem liminar no rito que se constituía. O silêncio daquele momento é interrompido pela mesma indagação que advém da busca: por que você usa saia?

“Para demonstrar o quão patológica está a sociedade, uma vez que uma tira de pano entre as pernas incomoda mais que as desigualdades sociais.” (Hibisco).

Responde o jovem, após instantes olhando o mar, acreditando talvez que a fala naquele momento se constituía em sussurro. Hibisco, não sendo homem nem mulher, com olhos profundos de devorar exatidões - daqueles que desconcertam por relevar coisas que sem pestanejar, acreditamos piamente serem nossas fraquezas- revelava as nossas hipocrisias diárias guardadas sobre o discurso dos bons costumes. O vento fazia os panos de sua saia abraçarem suas pernas como se fossem um abraço forte e sem destemor. Tudo o que aqueles olhos nos falavam, reverberava toda essa cena, desde sua pele oleosa, temperada com areias do mar, até seus dedos marcados com tatuagem escura segurando com firmeza o cigarro que nos entorpecia.

Sorrindo, talvez ainda pensando acerca das narrativas que ouvimos com pertinente desvelo, iremos continuar o caminho que, nos conduz recebendo no trajeto sob os pés, as águas gélidas do mar advinda em ondas, por ora sutis, tornando-se,

por conseguinte tempestivas e com significativo furor. Encontraremos deitado na areia outro jovem, sendo tocado com singelas e numerosas areias, sua saia, cobre seu frio e revela o absinto do seu olhar, ele repara nossa chegada, encara nosso olhar com curiosidade recíproca. O enlace de olhares é interrompido por nossa indagação, lançada com disfarçado sorriso: por que você usa saia?

“Acho esteticamente agradável em mim, confortável, costume me importar muito pouco com a opinião alheia (desde que ela não se torne agressivamente pessoal) e não tenho medo de defender minhas liberdades, se necessário fisicamente (minha liberdade para vestir o que eu quero, no caso).” (Girassol).

Ainda deitado, reparando com intensa atenção o quase nascer do sol, o jovem Girassol nos corrobora entender o seu usar saia, nos narra sua forma de habitar o mundo, a arquitetura de seu corpo deitado na areia nos desloca e fitando-o com estranha solicitude, perceberemos seu “corpo engelhado, desfigurado, estrangulado, máquina-fria: a escrita da transfiguração e pura criação. Criação que passa pela defecção, pela dança do esperma maluco, num corpo-escrita, máquina-de-masturbar que morre por não poder morrer.” (LINS, 1999, p. 15).

Pensando nas afecções das respostas em nós, iremos, após um longo conversar, caminhar em direção

ao mar sob o intuito de reparar o amanhecer. A tentativa será sentir o apogeu do surgir, o aquecer do sol, adentrando e suscitando devires. Com os pés agora imersos nas águas do mar, sentiremos um outro jovem se aproximar, com o mesmo querer que o nosso. E, antes que a indagação lançada aos outros jovens, chegasse aos nossos lábios, observando ao longe as precedentes conversas, com voz firme, ele responde:

“Por acreditar que é apenas mais uma peça de roupa. Por que não tê-la em meu armário? Por que não usaria?” (Lótus).

Afetados, interrompidos pelas imagens pedagógicas que os jovens de saia constituíram, sentindo o respirar de Lótus, que em meio aos nossos anseios da madrugada nos surpreende com sua beleza de habitar o mundo. Cabelos curtos, corpo singelo, mãos de adolescente, fala de timbre efêmero. Lado a lado, seremos irradiados pelo dia que orgulhosamente surgia como um precioso troféu da aventura de escutar o outro nas suas formas de ser. Imóveis, a cena irá se fixando nas nossas entranhas como uma poesia bela que nos descreve sem realmente conhecer. Amiga distante e confidente.

Abjetos de uma cidade panóptica

É dia. A aurora se apresenta com poucas gaivotas sobrevoando aquela praia. Antes, na madrugada, quatro jovens junto a nós habitavam aquelas areias, aquele espaço escurecido, iluminado apenas pela luz inebriante da lua. Agora, o sol se apresenta pleno, e, junto a ele, o ninar de uma cidade incendiada de

rapidez e intolerância é interrompido. Observando o caminhar dos jovens de saia sobre a areia, perceberemos que acordadas, as pessoas da cidade os reparam, tornam-se inquietas, aflitas ao observar algo à margem, afetadas com o estranhamento de um homem usar saia. Esse deslocamento evidencia os jovens de saia como imagens pedagógicas, propiciando a experiência do questionar-se, do gesto de interrupção.

Atenciosos, os homens de saia percebem o nosso semblante, bem como a expressão das pessoas dessa cidade panóptica – onde a “inspeção funciona constantemente. O olhar alerta está em toda parte” (FOUCAULT, 1987, p. 162.) se aproximam novamente de nós. Desassossegados, os homens de saia começando por Narciso, nos narram os seus desafios e os preconceitos sofridos ao usar saia em uma sociedade da norma:

“o estranhamento começou dentro de casa com o próprio medo de minha mãe, por exemplo, não querer que eu sáísse de casa preocupada com o que poderiam fazer comigo na rua, também pelos olhares inferiorizantes em filas de banco e às vezes até com as ‘piadinhas’ homofóbicas e ‘receosas’ de colegas próximos.” (Narciso).

Narciso muda seu semblante, sua narrativa é nutrida por uma insatisfação no olhar. Poderemos neste momento observar o semblante dos demais jovens de saia, percebendo como cada um, olhar por olhar, evidencia uma

tristeza - daquelas de dias chuvosos com esperanças esvaídas - ao lembrarem-se de suas vivências cotidianas usando saia, e como este simples ato, pode incomodar a sociedade em suas práticas compulsórias.

Sofre em seu corpo a escolha de usar saia, não pela costura, tampouco pela forma ou decote que ela possa ou não apresentar, é lesado pelo gênero imbuído à saia. Sofre, pois em uma sociedade onde há um interdito intocável que continua sempre a organizar papéis, expressões e compreensões em torno do gênero, qualquer apanágio do feminino em um corpo onde a norma imbuída de forma compulsória o gênero masculino, será legitimado como algo à margem, queer.

“Sempre escuto insulto. Uma vez em um ônibus ouvi um senhor de idade falar entre dentes e gritos que sou travesti só porque estava usando saia.” (Hibisco).

Elucida-nos Hibisco, possibilitando-nos pensar acerca das compreensões hegemônicas em torno do binário feminino/masculino, visto que a imagem pedagógica que o homem de saia constitui, visibiliza e dizibiliza o gênero em sua tecnologia rizomática, provocando uma descontinuidade da norma. Pegando no seu pau, com os olhos cheios de lágrimas, Hibisco quase gritando nos anuncia que pouco se importa com as inscrições que são fixadas nos corpos, na contramão da norma, concorda que “os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são produto de uma tecnologia sofisticada” (PRECIADO, 2014, p. 31) que fabrica corpos que devem ser lidos dentro

da escritura do sexo e do gênero, onde, “a categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa (BUTLER, 2000).

Estremecidos pela poética que a narrativa dolorosa de Hibisco nos trazia, ficamos em silêncio por alguns instantes, escutando o barulho do mar e o sussurro da moralidade daqueles da cidade que caminhavam e nos viam. O mar era barulhento, reivindicava em sua beleza a fala, queria gritar contra o absurdo. Trêmulos, nos restava apenas calar. E não, não era força de luta que nos faltava, era a sutil ausência do desejo de lutar pelo direito à norma. A norma não era interessante para o que se apresentava nos homens de saia como moda-militância, pelo contrário, a imagem pedagógica evidencia a negação da norma como modelo político necessário a um devir-corpo, rompendo com a “organização em torno de um único eixo semântico-sexual.” (PRECIADO, 2014, p. 59).

Levantando a mão como alguém que se entrega à possibilidade de dizer algo dolorido dentro de si - tal como alívio doloroso de retirar um espinho preso ao pé, onde a dor do sentir e a dor do dizer que sente, juntas são apresentadas em um semblante- Girassol elucida:

“minha mãe não aceita, família de amigos, olhares nas ruas, existem

diversas maneiras de expressar o preconceito, e eu sofro ele diariamente por usar saia que ainda é tido como uma "roupa feminina." (Girassol).

Flor triste. Girassol nos narra seus desafios cotidianos, seu descontentamento advém dos preconceitos que no sutil suplício do dia vão se efetivando e fazendo-o pensar em torno da norma ensejando regular e coibir o uso de uma roupa por designar a ela um gênero e a ele outro. Seu corpo é lócus de discursos que o constitui como corpo, e dentre eles, o mais proeminente hoje, segundo Katz sejam aqueles discursos produzidos por “certa proliferação de imagens sobre o corpo na área da moda, pois a moda que os meios de comunicação divulga, revela-se um bom exemplo de discurso fetichista sobre o corpo-processador, que o desinveste da potência política à qual lhe pertence.” (2008, p.72).

Os corpos dos homens que usam saia no simples ato de vesti-la trazem uma pertinente crítica a essa sociedade sexista que através do dispositivo da moda relaciona questões de gênero aos sexos biológicos, bem como corroboram para a percepção de que as expressões de gênero vão além de suas orientações sexuais e identidades de gênero, e mais que isso: militam por uma necessária morte ao que é normativo, imposto e patriarcal.

Sendo afetado pelas demais narrativas, Lótus que no primeiro momento se lança em dizer sobre si, permanece silencioso. Nós começamos a olhá-lo, ansiosos de também ouvir dele a partilha de seus desafios e preconceitos vividos, frutos da

força reguladora que normatiza em seus elementos disciplinares. Ele nos fala que

“Historicamente os homens já usaram saias ou túnicas (vestidos), sinto assim que tenho a liberdade de usar essas peças hoje em dia, assim como não é proibido uma mulher usar calças. Porém, não é assim né? Já sofri, muito além de olhares tortos e xingamentos na rua, a depreciação em casa e brigas com familiares, impedem muitas vezes a mim de usar na minha própria casa.” (Lótus).

Evidenciando a reminiscência das variadas formas de se vestir ao longo da história, Lótus possibilita-nos perceber como o dispositivo da moda suscita em seus discursos uma vontade de verdade⁴ acerca do vestir. E esse dispositivo da moda regulamenta algumas vestimentas como única forma legítima de como uma pessoa lida socialmente como homem deve se vestir, Lipovetsky nos elucida que “o uso da saia por um homem aparece imediatamente como signo “perverso”, o efeito é inelutavelmente burlesco, paródico. O masculino está condenado a desempenhar indefinidamente o masculino “ (1989, p. 133).

O binário é também pelo dispositivo da moda inscrito nos corpos, isso nos corrobora compreender pensando junto a Foucault, como o corpo é foco das disciplinas, que fabricam “corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 127), por meio de processos nos quais “o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes” (FOUCAULT, 1987, p. 126), visto que “em qualquer sociedade, o corpo está preso

no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Lótus, ao nos partilhar sua narrativa, vai em direção ao mar, pouco a pouco, vai cada vez mais adentrando nas águas desse mar provocativo que nos suscita devires desde a madrugada. Todos nós reparamos a cena, percebendo a performance que o mar e Lótus constituía. A saia molhada flutuando nas águas, aquele olhar atento, dividindo a atenção entre nós e os mergulhos que dava. Era uma flor, brotada. Erguida.

Todos nós estávamos inebriados com os sentimentos suscitados pelas narrativas, a dor em cada uma delas se tornava uma resistente poesia, o estar de saia era uma rebelião ao absurdo da norma. Era uma moda-militância. No começo, os motivos eram a vontade de usar uma peça de roupa como qualquer outra, de repente,

o desconforto se anunciava não por aqueles jovens que a usavam – seja por não gostar da cor, movimento entre as pernas ou tamanho- mas sim pelas pessoas que afetadas pelo afronte de homens de saias apresentarem em seus corpos a heresia de questionar as escrituras de sexo e de gênero.

Reverberando dildos, moda-militância e gênero rizoma

O pênis, estrategicamente é chamado de pau, cacete, caralho, etc.; para concretizar a lógica poderosa da similitude com o que é duro, grandioso e viril. Inúmeras vezes comparado ao dildo, ele permanece sendo perpetuado pelo discurso da norma como precioso falo e centro da relação sexual nesta sociedade heterocentrada. Neste sentindo, “o dildo ocupa um lugar

Figura 5

Créditos: Thiago Antunes (2017).



estratégico entre o falo e o pênis. Ele atua como um filtro e denuncia a pretensão do pênis de se fazer passar pelo falo.” (PRECIADO, 2014, p. 75). O dildo anuncia que o pênis nada mais é que um dildo de carne, e não o dildo um pênis de plástico. Sendo mecânico, artificial, brilhante e astucioso, expressa a “verdade da homossexualidade como paródia. A lógica do dildo prova que os próprios termos do sistema homossexual masculino/feminino, ativo/ passado não passam de elementos entre muitos outros de um sistema arbitrário de significação.” (PRECIADO, 2014, p. 84).

O que pode um dildo? Duro, plástico, desejo escondido somente saciado nos silenciosos gemidos da noite. Nos corpos plásticos se inscrevem os gritos emudecidos dos dildos. Corpos que reclamam seus direitos de serem tão somente falantes, nutridos de uma escrita fecal que evidencia a merda do ser. Cagando, os corpos se unificam numa “Lama, catarro, suor sangue, sonhos colados como uma ferida nos poros, na carne que não aguenta mais...” (LINS, 1999, p. 16). Sentindo em nossa epiderme o arrepio tão grande do prazer fecal-anal, perceberemos a potência do nosso cu, que coloca concepções de prazer em questão, “é a produção de vida tornando-se morte, morte gerando vida e embaralhando as diferenças sexuais numa negação radical do corpo binário, da economia dualista do sexo.” (LINS, 1999, p. 16).

Os dildos em nosso corpo desestabilizam todo um aparato de fabricação histórico que tenta cotidianamente efetivar uma concepção hegemônica em torno das relações sexuais centradas no pênis

pelo bem da procriação. Preciado nos elucida que “é preciso desterritorializar o sexo. Então, tudo é dildo. Tudo se torna orifício.” (PRECIADO, 2014, p. 86). O cu se apresenta como contingência de transgressão a norma. Tê-lo como centro erógeno evidencia a fraqueza dos órgãos sexuais, apresenta a possibilidade de ver no corpo trepador uma reconfiguração dos seus limites erógenos.

Esse corpo, no qual “estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente constituído. Mas com a perda da inocência sobre nossa origem, tampouco existe qualquer expulsão do Jardim do Éden,” (HARAWAY, 2009, p. 51) é superfície, terreno de localização do dildo, o corpo é dildo. É plástico, é contrassexual ao assumir a potência da negação do sistema do sexo e do gênero.

Ambos, o dildo e o cu, fazem parte de uma tecnologia contrassexual que advoga os pós-corpos, presente em uma pedagogia contrassexual, que sempre se objetiva a romper com a naturalização das opressões. Essa pedagogia contrassexual por meio da imagem pedagógica desestabiliza as compreensões essencialistas e naturalizante das expressões, papéis e identidades de gênero, vendo-as como regimes políticos que não devem ser mais deixados nas mãos do estado, das instituições médicas e farmacêuticas... Anarquizando a lógica do binário, essa imagem pedagógica, apresenta o corpo-dildo que choca, grita a rebelião à norma, visibilizando e dizibilizando o

gênero como rizoma, negando esse binário compulsoriamente imbuído em nós.

As narrativas dos jovens de saia nos fazem pensar como parece que há sempre a intervenção das instituições ensejando regular e padronizar os corpos. A renúncia da masculinidade se apresenta neles, não pelas orientações ou identidades sexuais, mas sim por subverter a imposição do dispositivo da moda que estabelece um discurso verdadeiro de feminilidade na saia. Dessa forma, alguns elementos narrativos podem nos apontar que o uso da saia, independente dos jovens serem LGBTs ou não, se concatena como moda-militância.

A instituição familiar está sempre presente nas falas dos jovens, a família nestas narrativas exercem uma força regulatória que cobra a equivalência do que foi estabelecimento pelo dispositivo da moda como verdade sobre o se vestir devidamente como homem, bem como, repudia toda lembrança que por meio da compreensão hegemônica sobre a saia o feminino estabelece. A mãe parece estar sempre no vinco entre o medo do externo e o exercício do controle no interior do seio familiar dos jovens, os parentes secundários, mas não menos importantes, tecem críticas e cobram um retorno ao normativo por parte dos jovens que usam saia.

No externo, ao caminhar nas praças, ruas ou no simples ato rotineiro de pegar um ônibus, o que se apresenta regulando, repudiando e cobrando a norma, são os olhares, xingamentos das pessoas, a cidade panóptica não cansa, esta sempre ali vigilante, herdeira assim como a moda,

da moral teológica que sempre nos quer vestidos, e, vestidos em conformidade ao que foi estabelecido pelas escrituras tradicionais de sexo e de gênero.

O gênero, que em Butler é “ a estatização repetida dos corpos, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2015, p. 69). Cada vez mais nos homens de saia é posto em questão, a imagem pedagógica provoca essa produção de uma substância de gênero, evidencia como essa ação naturalizante é imposta e coercitiva. Anarquizando essa lógica, os usos das saias se constituíram como uma preciosa performance de gênero apresentando os seus trânsitos, suas flores e seu rizoma.

Pensando nesses desafios seremos ousadamente provocados, as narrativas nos fazem pensar nos perigos dos olhados e na poderosa ação destrutiva do padrão sobre o que ele considera abjeto. Xingamentos cotidianos, nutridos pelo motivo de usar um corte de pano, gritos, cobrando deles uma identidade, limitando as variadas formas de habitar o mundo. Correr daquilo que sem querer buscar chegaram a ter eles? Como ir pro céu se eles gostam do calor daqui? Tolos da norma querem legislar sobre o corpo alheio, necessitam compulsoriamente inscrever a maliciosa masculinidade e virilidade para o bem desse hetero-capitalismo.

A flor. brotada. Erguida. Que nos engendrar.

homens de saia se apresenta, assume a moda-militância, não se submete ao que foi imposto. Luta, caminhando e provocando os moralistas vigilantes, dizibilizando

e visibilizando o gênero como rizoma, os homens de saia consolidam por meio da imagem pedagógica uma pedagogia contrassexual que coloca a normas do sistema do sexo e do gênero do avesso.

(In)conclusões

Este texto, iniciou seu grito na sutil beleza da flor, brotada e erguida nos trânsitos de gênero que vão constituindo a pedagogia contrassexual como tecnologia que advoga o fim da dos regimes políticos que padronizam pelo dispositivo da moda o que pertence ao feminino e ao masculino. Inconformados com o padrão, se constrói nesse desassossegado trabalho possibilidades narrativas que buscam pensar acerca desses corpos, percebendo-os como potentes elementos que dizibilizam e visibilizam a moda-militância.

Desnaturalizando o que pertence ao normativo, este sussurro poético se lançou em ouvir narrativas, conhecer sorrisos, perceber os corpos-textos que vão constituindo uma moda-militância que desloca e coloca em questão as compreensões hegemônicas em torno do que é binário no gênero. Os jovens de saia nos propiciaram refletir sobre o que se apresenta neles como imagem-pedagógica, nesse movimento inquietante da possibilidade de afetação que pode nas pessoas que veem os jovens de saia se

Logo, essa pesquisa poética elucida possibilidades de pensar o gênero como rizoma, vendo nos corpos dos jovens que usam saia uma tecnologia contrassexual, uma imagem pedagógica que se constitui nos processos de afetação. Sob esta perspectiva, pensando como o dispositivo da moda engendra novas formas de pensar corpos plásticos (PRECIADO, 2014) evidencia-se uma moda-militância, que se inscreve neste trabalho através de poesias inacabadas, mal-ditas e vagabundas.

1. Nutrirmo-nos da concepção de Deleuze (2012) do rizoma como um modelo político-ético-estético de resistência: suas linhas, não detendo formas, são um trânsito contínuo. O rizoma pode confundir, cortar caminho, se esconder. As linhas escapam da tentativa de totalidade, não estando fechada há ligações definitivas.

2. Assumimos aqui o conceito de Contrassexualidade de Beatriz Preciado (2014) quando afirma a contrassexualidade como tecnologia de resistência em busca de um saber-prazer onde “o sexo e a sexualidade (e, não somente o gênero) devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas; que é necessário estabelecer conexões políticas e teóricas entre o estudo dos dispositivos e dos artefatos sexuais ... e os estudos sociopolíticos do sistema sexo/gênero” (p. 25).

3. [...] conjunto decididamente

heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não dito. [...] O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2011, p. 244).

4. Foucault (2013), evidencia a vontade de verdade como uma das três tecnologias do discurso, assim como a palavra proibida e a desqualificação do

discurso do louco; explícita igualmente como não existe grau zero de poder nos discursos estando sempre em disputas, percebendo-a como um “suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas” (p. 17), que dão a ver como o saber é aplicado em uma sociedade como a nossa, que dão mostras de como certo discursos exercem um certo tipo de pressão sobre outros.

Notas

1 Pedagogo, y doctorando en Educación en el Centro de Educación de la Universidad Federal de Pernambuco. Es miembro del grupo de investigación “Foucault y Educación”. Correo electrónico: guedes00@hotmail.com

2 Profesora adjunta y directora del grupo de investigación “Foucault y Educación en el Centro de Educación de la Universidad Federal de Pernambuco. Correo electrónico: karinamiriam@gmail.com

Referencias bibliográficas

AGAMBEN, G. (2014) *Nudez*; tradução Davi Pessoa Carneiro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BENJAMIN, W. (2012) *O anjo da história*; organização e tradução de João Barrento, Belo Horizonte: Autêntica Editora,

BUTLER, J. (2000) *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica,.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 8º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**, vol. 4/ Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Foucault**; tradução Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 1 ed.- São Paulo, Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**, tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 2011.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

HARAWAY, D. (2009) “Manifesto Cyborg: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX”. In: SILVA, Tomás Tadeu da (organização e tradução). **Antropologia do Ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica Editora,.

KATZ, H. (2008) Por uma teoria crítica do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (org.). **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Barueri-SP: Estação das Letras e Cores Editora,.

LINS, D. (1999) **Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará,.

LIPOVETSKY, G. (1989) **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

PAIXÃO, H. (2015). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG.

PRECIADO, P. (2014) **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições.

SILVA, Santuza Amorim da. PÁDUA, Karina Cunha (2010) Explorando narrativas: Palgumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história**. CAMPOS. Regina Célia. Belo Horizonte: Autêntica Editora.